

Desafio maior é retomar a função social da academia

Missão é prioritária e tem de ser acompanhada de ações que promovam o resgate da cidadania

ARTHUR ROQUETE DE MACEDO

O desafio maior que a sociedade coloca para a universidade pública brasileira é o de integrar-se definitivamente à comunidade, quer atuando em causas específicas, quer participando de forma ativa na construção de um modelo de desenvolvimento sustentável. O desafio é enorme, não inusitado e tem sido enfrentado.

Há nove séculos, por ocasião da fundação da primeira universidade, em Bolonha, e da luta de professores em Paris para implantar uma organização social corporativa e com autonomia para a construção e difusão do saber, o desenvolvimento do conceito de universidade está associado à dinâmica social.

A partir do século XIV, o caráter universal e a ação comunitária que nortearam a universidade medieval praticamente desapareceram, fazendo com que essas instituições se fechassem em si mesmas e passassem a ser utilizadas com objetivos específicos pelos seus mantenedores. Esse aspecto torna-se evidente com o papel desempenhado pela

universidade na formação de profissionais em determinadas carreiras liberais e de administradores públicos durante o florescimento dos Estados Nacionais modernos.

Felizmente, o ideário original ressurge na Alemanha no início do século XIX, com Humboldt, na criação da Universidade de Berlim, alicerçada na necessidade da investigação científica. A partir desse momento, a universidade ocidental, tanto na Europa como no Novo Mundo, jamais abandonou a noção da necessidade de estar integrada e a serviço da sociedade.

Em nosso meio, o aparecimento tardio da universidade não impediu que a Universidade de São Paulo, na década de 30, fosse criada dentro do ideário do ensino universal e integrado, da autonomia, do desenvolvimento da pesquisa científica e da interação com a sociedade. Aliás, a atuação das universidades estaduais paulistas (Unesp, Unicamp e USP) não deixa dúvidas quanto ao relevante papel social que vêm desempenhando nessas últimas décadas.

Se é verdade que a preocupação sempre existiu e ações concretas foram realizadas pelas nossas universidades para cumprirem seu papel social, a atual conjuntura, que demonstra a necessidade da formação de recursos humanos qualificados e da capacitação para gerar e difundir a ciência e a tecnologia, coloca essa missão como absolutamente prioritária. Prioritária e árdua, tendo em vista que esse esforço terá de

ser acompanhado por ações que promovam o resgate da cidadania para o enorme contingente de brasileiros ainda excluídos e realizado numa conjuntura de escassez de recursos.

É necessária a revisão de algumas práticas e idéias atualmente em curso nas nossas melhores universidades. É preciso definir o que se entende por função social da universidade e orientar as atividades-fim da academia — ensino, pesquisa e extensão — no sentido de desenvolver adequadamente o projeto adotado.

Quanto à definição do papel social da universidade, deve ser abandonada de vez a idéia de que o mesmo significa mero assistencialismo ou, simplesmente, prestação de serviços realizada por setores da instituição, como por exemplo as unidades da área tecnológica ou de saúde. Nesse setor, constitui exemplo a ser seguido, pela sua abrangência na área pedagógica e da saúde, o Projeto UNI, financiado pela Fundação Kellogs e realizado pela Faculdade de Medicina da Unesp em parceria com o SUS, as Secretarias de Saúde estadual e municipal e a iniciativa privada.

Essa é uma das formas cor-

retas de atuação social da universidade, a qual deve ser ampla e abrangente, fundamentada na qualidade do profissional formado, associado o caráter universal da academia à necessidade de respostas às demandas regionais que reflitam o contexto histórico, social e econômico no qual a universidade está inserida. Deve, ainda, ser o resultado de uma ação integrada das atividades de ensino, pesquisa e extensão, de modo que atuem de forma interativa e com capacidade para promover a retroalimentação do sistema.

Esse é o projeto que a Universidade Estadual Paulista (Unesp) tem procurado colocar em prática. É baseado num ensino de graduação que tem por objetivo educar nossos alunos para o exercício pleno da cidadania. Além das

habilidades necessárias para o exercício profissional, procura-se dar ao estudante uma formação holística, dotada de uma visão crítica da sociedade em que irá atuar, de modo a permitir que ele possa acompanhar o avanço cultural, o desenvolvimento científico-tecnológico e as transformações que ocorrem no meio social. É a formação do cidadão contemporâneo e do profissional competente e ético, comprometido com a sua época e local de atuação. É a possibilidade não apenas de formar recursos humanos capacitados profissionalmente, mas de agentes capazes de transformar a sociedade para melhor.

Aperfeiçoamento — Na pós-graduação, a formação deve-se fazer por meio da possibilidade de opção entre linhas de pesquisa voltadas para a geração do saber universal e a investigação aplicada e orientada para a solução de problemas regionais. Deve ser estimulada, também, a pós-graduação "latu sensu", com o oferecimento de cursos de aperfeiçoamento profissional e de extensão universitária orientados para profissionais integrados no mercado de trabalho, num processo consequente de educação continuada.

Deve ser lembrado que é e sempre será por meio da qualidade da educação ministrada que a universidade cumpre o seu principal papel junto à sociedade. Daí a importância que deve ser dada ao aprimoramento do ensino na graduação, por meio da instituição de programas de iniciação científica e de tutoria destinados a alunos especialmente vocacionados, e pela busca da excelência na pós-graduação.

Quanto à extensão universitária, a encaramos tanto como um serviço prestado à comunidade quanto um compartilhar com ela do conhecimento construído na universidade e no cotidiano da vida comunitária. Seu caráter, pois, não é assistencialista, mas impulsionador de novas formas de ação e de organização. Não se restringe única e exclusivamente à assistência ou à transferência de tecnologia e a ações de assessoria voltadas para o setor produtivo não acadêmico e, muito menos, sua realização é exclusividade da Pró-Reitoria de Extensão. É, na verdade, uma ação conjunta da universidade, que envolve docentes, alunos e funcionários e estende à sua atuação por meio de projetos e de ações de interesse social, acadêmico, político e econômico. Procura, utilizando a estrutura da Unesp, interagir em diferentes regiões do Estado com os demais graus e modalidades de ensino. Por exemplo, o trabalho desenvolvido pelos Núcleos de Ensino no aprimoramento dos docentes da rede pública de 1º e de 2º graus tem importância social e pedagógica da mesma forma que o envolvimento com o ensino técnico. A extensão é encarada não como o único e nem o principal instrumento da universidade para exercer a sua função social, mas como um dos métodos interativos entre a universidade e a sociedade.

Finalmente, é preciso ter-se consciência de que o papel social da universidade não poderá ser realizado de forma integral por vontade e ação política da administração central, mas deve ser resultado de um projeto alicerçado na vocação histórica da instituição e no compromisso social de sua comunidade.

■ Arthur Roquete de Macedo é reitor da Universidade Estadual Paulista (Unesp)